



AZUL



ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

Director: Thiago Peixoto.

Curityba, 24 de Junho de 1900

Só

Dlin *dlin*
. *blon* *blon*
. .

Elle que viéra da frieza lyrica
de um Sol-Posto, á hora em que
as gangrenas turgidas dos occasos
se diluem no roxo vesperal das
grandes nostalgias infinitas— Elle,
tão só, tão mystico n'aquelle pen-
nar das suas saudades, a evocar
brancas imagens seraphicas de ty-
sicas e marmores partidos de tu-
mulos, lá se foi n'uma aza desse
mesmo Sol-Posto para alem do
silencio polar da Morte, onde
rebôa o soido dos psalticos car-
rilhões das velhas ermidas aldeans.

Blau

1122

dim

blon

Anto! Ae, a Rosa como lhe não daria lyrios e magnolias,—a elle que sempre vivera a pedir inspiração ás magnolias e aos lyrios!

Anto ! Ae, as ceifeiras como não
entoariam resas por su'alma. —

ellas que o viam quasi sempre a pedir a esmola de uma lagrima pelas alminhas dos que partiam á hora crepuscular do Sol-Posto!

blom

Blom

clim

E o Senhor Abbade então?...
Agua-benta levou-lhe á Cova.
E os sachristas d'aldeia d'Oli-
aes?...

Canto-chão e *pater* ao solar le-
varam.

E os leprosos e aleijões famintos?

Círios queimaram á passagem
d'Anto pelas renques dos vinhais
em flor.

E os anhos branquinhos como a
néve, que pasciam nas margens
do Mondego?...

Foram-se a chorar quando Anto
desapareceu n'aza do Sol-Posto.

Dlin dlin dlin blon blon blon

Poentes de França adeus! Lá fica
um carrilhão a tocar:

Blon

blon . . . on . . . on

Ae, Nossa Senhora dos Afflictos,
como elle vae tão bello na sua
alcatifa de camelias do solar; tão
só, como um Santo Christo em
Sexta-Feira da Paixão!

Não mais o valho Reyno ove-
rá, pois que lá se evolou Elle
para o Azul da lusitania!

E a Nossa Senhora dos Mila-
gres? . . .

Ficou.

E a negra batina d'estudante? . . .

Ficou.

E as ladainhas da Rosa em dias
de jejum? . . .

Ficaram.

E a egreja d'Olivaes, tão en-
feitadinha em dias d'esponsaes? . . .

Ficou lá baixo, em terras de
Portugal.

Dlin . . . blon

dlin

Já nem mais resoam as gui-
tarriças de Coimbra . . .

Nem o velho *bull-dog* ladra aos
cocurutos das cordilheiras geladas..

Nem na latada rescende a vinha...

Nem luares . . .

Nem manchas d'amores nos co-
racões das ceifeiras . . .

Dlin . . . blon

Elle vae agóra para o alem das
Nostalgias infinitas . . .

Para o Alem . . .

Dlin

E com quem, Santo Christo de
Pinhel, vae elle habitar agóra? . . .

Anto? . . .

Sim, Anto . . .

Dlin

Só . . .

Blon, blon . . . on . . . on

Só!

Nestor de Castro.

Estrellas Cadentes

I

Alvos flocos de neve em refulgencias de astros
Bailando pelo ethereo espaço illuminado,
Levaram-n'a sorrindo em um leito de nastros
Para um céo ideal luzente e constellado.

Presinto uma corrente a conduzir de rastros
Todo o meu Ideal, soluçante e cançado
Como um vento pagão sibilando nos mastros
D'uma Náu que navega em mar encapellado.

Essa Estrella que foi para um Paiz distante
Num cortejo de luz de luares de hynverno
Era a Chimera em flor do meu sonhar constante.

Hoje as noites de outono alvas de luzes fatuas
Que continham outr'ora o carinho mais terno,
Refulgem para mim em morbidez de estatuas.

Generoso Borges.

Stoorada e Ocaso

A Celestino Júnior

Com o corpo frio, em gelo, com os labios desbotados; com os sonhos de purpura intactos envoltos no manto e na algidez da tycia, elle debruçou-se triste e vago ao peitoril da larga janella etmoldurada de florões verdes. Estendeu o olhar amortecido e circundado pelo roxo das olheiras, para o longe horizonte luminoso.

No azul claro do céo o sol fuscante de ouro andava espalhando ondas de luz alada sob o feltro vermelho das caçarias brancas e sob o campo verdejante onde as lavandeiras, lenços de chita atados à cabeça, vestidos suspensos à unha, cantarolando desdobravam roupas que alvejavam nos ramos folhudos das murtas agrestes banhadas ainda pela orvalhada da madrugada de Maio.

Na suave transparencia do ether, borboletas, como peregrinas flores do espaço — doiradas azas abertas — engrinaldavam, num magnificencia de cores, o azul illuminado e iam enflorar a copa das macieiras cheirosas que espreguiavam-se a viração e ao sol do meio dia.

Cigarras cantavam occultas entre as folhas das alleluias amarellas.

Havia por tudo um movimento amplo de trabalho e de vida.

No ar limpo e sereno, onde as tintas fortes da luz cambiante davam um encanto incomparável e uma saudade vaga e infinita, o fumo negro das chaminés das fabricas subia em caracol e ia desfazer-se todo no alto, serenamente. Uma restea de sol poisoa na face pálida e nevada de tycico e foi espalhar-se doidamente entre os lyrios azuis que floresciam num vazo de payagém chineza, à um canto, entre os reps cor de roza leve, desmaiado.

Elle moveo o olhar que a doen-

ça velava e amorteceu, para um lado do quarto onde balouçavam-se a aragem fresca do dia magnifico, a capa de brocatello verde-mar e o chapéo de plumas de ouro.

Oh! era olhar para esses objetos agora esquecidos e abandonados à um lado, como as cinzas das suas hymnarias alegrias de outrora e a mystica flor do passado surgia magnifica e bella, coroada pelo luar dormente da saudade a perfumalho a alma. Resurgia-lhe do fundo do seu martyrio a nostalgie d'esse tempo extinto à que hoje as agruras do presente davam mais encanto e suavidade e esbatiam de tons mais festivos e coloridos, mais poeticos e vagos, como o doce canto dolente de uma pastora, ao cahir melaucholico da tarde.

Ah! fôra hontem por certo que partira assim, cavalheresco e altivo, alma como a corolla de uma flor, aberta para a égide luminosa do céo; coração enamorado onde a esperança alvorecia com grandezas immortaes de aurora; fôra hontem sim, que partira num resplendor de estrellas, num brilhar de pompa, num alegria de festa, para a jornada da vida, desconhecida e vaga. Fôra hontem ainda que adormecera depois da orgia immensa da noite enluarada, sob a relva emaranhada do caminho, entre papoulas vermelhas, na doçura da sombra que o dia nascente espalhava, chapéo de plumas à um lado, à um lado a capa de bohemia.

Estava ainda a ver, atravez da penumbra da saudade, as camponezas, de vestidos de ramagens vivas, lyrios da varzéa na tranca, na mão lyrios tambem, a descerem o serro refulgido pelo crepusculo da tarde que resplandecia de tintas intensas as nuvens e clareava, num destaque de cor, num vibracão de luz, a linha longíqua das serranias que pareciam roçar, com os seus pinheiros engrinaldados, o céo ideal da primavera.

E no entanto, elle sabia, não

mais repousaria a cabeça sobre as campinas tufadas de boninas e emoitadas de rozas.

Estava morto, sabia.

Oh! agora que via-se perdido, que via tudo anoitecer em derredor de si, viuha-lhe um apego a existencia, vinha um desejo imenso de viver. Um desespero infinito, uma afflicção de naufrago, retorcia-lhe a alma, como uma rajada violenta retorce uma arvore desgalhando-a impiedosamente.

E ver tudo apagar-se n'um momento, ver tudo que amava tão profundamente, desapparecer de si, n'essa noite que o esperava! Santo Deus! Virgem serena dos afflictos!

Com que ancia febril, com que nostalgie desesperada, fitava n'essas noites claras, o luar de opala, que descia, que resvalava entre nuvens e montanhas, muito fino, illuminando o azul, prateando as cidades e os bosques onde as palmeiras farralhavam como videntes virgens das selvas.

E não veria mais esse luar que iria abrir no céo de outras primaveras!

Condenado á morte! E nem mais lagrymas tinha para chorar o desespero supremo que soluçava-lhe na alma tormentosa e desgrenhada, como uma louca da rua.

Oh! elle que nos dias ruidosos de sua mocidade ás vezes desejava sinceramente a morte, achando o mundo tão pezado e a vida tão cruel, hoje que via-se perdido, queria viver, tinha saudade do mundo e piedade de tudo que outr'ora odiara.

Oh! queria viver! queria viver! E nem sabia quem fallava-lhe agora: si era a alma ou si era o instinto animal de todos os homens.

E tinha um assombro mudo da cova, perdida entre as alamedas de ciprestes. Na febre que o devorava julgava sentir já no peito as pás pezadas de terra humida que

o coveiro sinistro atirava tranquillamente, a cantar

Via os vermes roendo-lhe os olhos, sentia-os congelando-lhe os labios. E não os podia repellir, com os musculos presos pelo gelo.

Sentia-se suffocado, sentia falta de ar, alli n'aquelle larga janella onde a atmosphera trescalava a seiva das araucarias florescentes, que resmoneavam lá fora.

Era como um viandante seguro á uma arvore á beira ameaçadora d'um abyssmo e que visse a terra ceder, tremer, e a arvore pouco a pouco ir precepitando-se na voragem maldicta. Olhou para as unhas: elles começavam-se a tingir d'um roxo-negro; sacudio a cabeça, desolado; era o seu roxo-negro crepusculo final da vida. Era o symptoma clarissimo da morte. Então a alma d'elleolveu-se e genuflexou-se, como uma criança na primeira communhão, ante o altar reflorescido da Crença.

E era n'esse altar onde ardia ainda o fogo sagrado da esperança derradeira; era n'esse altar que elle avistava o Deus piedoso, o paimagestoso dos humildes e dos fracos, dos pequenos e dos bons, lá nesse céo aberto para compensar todos os martyrios e todas as desillusões da alma humana.

Era o unico oasis cheio de sombra e de palmeiras, o unico refugio que encontrava entre as pedras da vida.

Mas a duvida tremenda, n'um momento fez desapparecer todo esse encanto sereno e o enfermo contrahio os labios n'nm sorriso de dor.

O inverno chegou. Vinha cansado o inverno. Atireu para cima da esmeralda dos luridos salgueiros a sua capa alva de neve e os salgueiros não soluçaram mais.

Vinha fatigada a invernia agreste, vinha de longe carregando as dhalias e os lilazes e amortalhan-

do os tysisos, no pallor do seu luar.

N'essa tarde elysia, quando a arageim passava despindo as folhas largas dos coqueiros, entrou pelo quarto do moribundo, a correr e a sorrir, n'uma frescura de alvorada, cabellos soltos ao vento, uma loira e virginal criancá. O ouro basto da madeixa emmuldurava-lhe o rozado avelludado vivo da face. E n'uma tagarellice de passaro a cantar, queria que o seu papai fosse ver o Manoelinho que vestido de anjo, com palmas bentas e crucifixo nas mãos enrelegadas, entre crysanthes azues, n'um caixão côn de roza e ouro ia para o céo tão bello.

Mas como alguem entre soluços lhe dissesse que o seu papai tambem ia para o céo, que estava morto, ella poz-se, a olhar para o entero que passava e exclamou admirada:

—Oh! pois o papai vai para esse céo tão lindo que a avosinha contou-me que já viu uma vez quando rezava?

Pois quando papai accordar eu quero pedir-lhe que guie o Manoelinho na estrada que vai dar a morada da Virgem, si não elle pode se perder no meio do caminho, quando a neve e a treva cahirem. E talvez não encontre o céo.

Mas notou: porque todos choravam quando o seu papai ia para o céo?

E porque a avosinha soluçava tambem, entregue a magestade d'essa dor, com a cabeça branca e prateada, como o luar, pendida, vergada para um lado? Porque

chorava a avosinha quando tinha lhe dito cimballando-o ao collo, que esse céo era feito de virgens, de Deuzes, de criancas, de lyrios e de estrellas e que para lá só iam os bons gozar para sempre? Porque soluçavam então? E a loira criancá, sacudindo a formosa cabeça dourada pela luz do sol poente, sem nada comprehendêr, ficou com o espirito oscillando confusamente entre o céo bondoso e o desespero infinito dos que choravam.

E descrendo então do céo, chorou tambem.

Não era por certo esse o céo que n'essas noites constelladas a avosinha lhe fallara.

Porque haviam-no enganado, perguntava, porque haviam-no feito sorrir de alegria sabendo que o papai e o Manoelinho ião viver felizes entre os anjos, quando esse céo não existia?! Si existia porque choravam então?

E chorou convulsamente, debruçada ao bômbro da avosinha.

E era a duvida e era a incerteza que tinham por certo abandonado o coração do morto e que ficavam redivivas ensombrando na primeira desillusão cruel o coração virginal do filho.

E era a duvida tremenda que nascia no coração lyrial d'essa angelica criancá, d'essa alvorada lúminosa que vinha loira, fresca, rozada e ideal, como uma borboleta no azul, para o sacrificio brutal e esmagador da vida.

20—Junho—1900.

Santa Rita Junior.

A Gaspar Moraes

Fim de um conto

*E terminou assim o velho abade,
A sua historia prenhe de agonia :*

*“Brilhava a lua cheia de saudade,
Ha muito havia terminado o dia*

Quando cheguei, No vetusto castello
Tudo era paz; dormitavam archeiros,
E fulgia no Azul o sete-estrello,
Trazia o vento as trovas dos campeiros:

* * *

Percorri varandins de sul a norte
E o silencio envovia-me absoluto,
E fui a tactear,—sombra de morte,
Espalhando a chorar a dor e o lucto.

* * *

Novamente reli a luz da lua
A quella carta lobrega e maldicta,
E a imagem d'Ella, loira e semi-nua,
O meo olhar sem luz de novo fita.

* * *

Sobre a lagea tombei extenuado
De fadiga da celere jornada,
Aguardando — qual triste condemnado,
A sua derradeira madrugada.

* * *

Manhã! casquina o sol francas risadas,
E de novo o castello ao sol rebrilha.
E fui cheio de dôr, pernas cançadas,
Levar a extrema uncção á minha filha.“

Thiago Petxoto.

Louco afrojei-me em meio da turba que me rodeava avida de vingança. Eu tinha o olhar sinistro dos condemnados à força. Percerei as lividas physionomias de carrascos que me cercavam e tive frio. Perto, nenhum coração amigo, para guardar o meo crime, o crime de tê-la amado.

As apupadas surgiram em coro, unisena, por todo o espaço e

ella, a flor de espinhos que me sangrava a alma, flor desabrochada ao luar nostalgie d'un calido estio, não apparecia, não me vinha salvar rebatando-me dessa multidão que me gania esfaimada, exigindo uma victimá.

As ferreas portas d'uma horronda prisão iam-se fechar sobre mim.

Eu sentia frio.

É loucura lutar com a fatalidade; essa fatalidade que me jogava ás cadeias de um pesadelo infindo; a fata-

lidade de dizer-lhe que a amava, que a queria muito.

Oh! como devo ter soffrido amando-a sempre, mas com que tortura, com que temor estranho si a não posso ver, si afasto-a dos meus sonhos negros de maldicto.

Pensamentos terríveis se chocam, bíblicos dragões n'esse antro terrível que assimila infernos. E eu soffro muito, muito.

Desnuda o inverno as frondes verdejantes das arvores para florescer aos faustos da primavera.

A minha alma não floresce mais, medrou a parasita do desespero — a descrença dos que cançam de sofrer.

Olhos d'alma...

Mentira.

Olhos que me vêem debater ao carcere da duvida e não entristecem. As minhas

faces cavadas pela angustia, empallidecidas pela insomnio acaso não vós culpáram á essa mudez inexpressiva que tortura-me o ser?

Olhos trahidores e vis!...

Porque não fallaram bem alto, vespas e assassinos, os olhos da tua alma? e dirias — eu te renego á ti ser abjecto, porque repugna-me o fardo de miseria que arrastassem asylo debaixo deste palio recamado de flores e onde a ventura é a unica soberana ou, compassivos e bons, não volvestes a mim na tranquillidade dos que se animam, para que, livre destes ferros que me torturam, possa ao doce aconchego dos teus braços, sonhar ao suave murmurio da tua voz cantando os preludios de uma felicidade infinita.

Olhos trahidores e vis!...

Nicolau dos Santos.

Meredes

Ao José Braga

Estumba no ar um grito estrepitoso
De aclamação, quando Mercedes passa,
A fulgir como um sol, em seu luxuoso
Coupé tirado por corseis de raca.

Como que na aza rutila do gozo
Sente-se preso, e pelo Azul esvoaça
O coração do povo, que nervoso
Brinda essa imagem fulgida da graça.

Uma explosão frenética de palmas,
Mais accentua o goso que essas almas
Sentem ao rel-a tão gentil passar.

Ella sorri... e em paga da ruidosa
Ovação, lança ao povo a luminosa
E captivante flor do seu olhar.

Adolpho Werneck.

Arte de amanhã

(Barlet e Lejay)

Continuação.

Assim, como são diversas estas apparencias!

E são estas mesmas apparencias que vos desorientam quando pretendeis limitar a Arte a alguma delas, ou melhor, a alguma das quatro especies em que se agrupam, — pois, pela natureza das coisas, ha quatro generos principaes de expressão do Bello, quatro variedades de Arte, tanto em Pintura, como nas outras.

Eis como:

Todas estas expressões, sem dúvida, são relativas ao homem; nascem em sua alma pelo jogo de suas faculdades; divergem, entretanto, ou seja que se refram a si mesmo, ou ao Absoluto, que se manifesta exteriormente.

Com efeito, nemhum de nós pode negar que a forma, a luz, a cõr temham Belleza intrínseca que impressiona a qualquer homem. Não ha população, por mais primitiva, que não procurasse colorir as tendas e os vestuários, ornar os utensílios com linhas e arabescos, e dar-lhe de preferencia certas e determinadas formas. E' gosto que a civilização apura, mas não creou, e é nesse sentido que se pode falar da belleza absoluta das coisas.

Ao mesmo tempo, entanto, cada individuo tem gostos especiaes, preferencias assinaladas por tal ou tal forma, tal ou tal colorido. Os objectos falam-lhe, e lhes interpreta a lingoaagem de modo inteiramente particular. Essa a parte mais humana e mais subjectiva da Belleza: depende de nosso temperamento e não dos proprios objectos.

Um exemplo nitidará melhor essa distinção: A *Boucherie* de Rembrandt. A impressão recebida pode ser de duas especies: Uns sentir-se-hão impressionados com os

sentimentos que lhes possa ella despertar; nos muros inimundos nódoas ignobis; sobre o pavimento borbotões de sangue ainda quente, as carnes sangrentas da victimá confrangir-lhe-hão o coração de piedade ou desgosto, dar-lhe-hão fremitos de horror, sempre sentidos quando se abre a porta do matadouro, infamado como a casa do algoz. Eis o efeito da Belleza subjetiva, que emociona a alma humana.



Como uma madrugada de flores illuminou a nossa tenda de trabalho o numero 22 do „Sapo“, engrinaldado com o busto delicado de Nestor de Castro, o admiravel *conteur* que nós tão profundamente amámos.

Essa galharda revista também ergueo sua sincera homenagem ao grande poeta Emilio de Menezes.

Abraçamos ao Leocadio Correia e ao Leite Junior pelo fulgor que têm imprimido na linha d'esse esplendido jornal litterario.



Fomos fidalgamente brindados pelo Nestor de Castro com o bizarro conto que hoje resplandece nas paginas da nossa folha como uma via lactea desdobrada no Azul.

Gratos pela distinção que nos fez esse magnifico artista.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDACÇÃO:

Rua Dr. Muricy N° 57.